

ENGAJAMENTO

Um mergulho no (des)equilíbrio de **gênero** no oceano



Natalia de Miranda
Grilli



Mariana Martins
de Andrade



Bárbara R.
Pinheiro



Leandra R.
Gonçalves

Palavras-chave: Oceano; maretório; mudanças climáticas; povos tradicionais; sustentabilidade.

O oceano é cercado por histórias de protagonistas masculinos. Dos desbravadores intercontinentais às Marinhas Reais. Das expedições científicas às lendas de pescador. Todas elas têm em comum o relato da relação do **HOMEM** com o mar. Porém, esta é apenas uma parte da narrativa. O oceano é um elemento importante também na vida de inúmeras mulheres. Ainda que essas sejam historicamente invisibilizadas, pouco valorizadas ou excluídas de espaços marítimos, elas foram e são até hoje personagens fundamentais para compor essas memórias e para mudar o futuro da relação da sociedade com o mar.

Embora mais da metade da população mundial seja mulher, a maioria das empresas de alto nível e posições de poder são ocupadas por homens, e ainda se nota uma alta desvantagem salarial. A maré vem mudando, ainda que devagar. A Agenda 2030, por exemplo, inclui o Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 5 (Equidade de Gênero), que tem entre suas metas a garantia de participação plena e

efetiva e igualdade de oportunidades de liderança em todos os níveis de tomada de decisão na política, economia e vida pública. A solução passa não apenas por entendermos o cenário e lutarmos por melhores condições, mas também por garantirmos uma maior representatividade em cargos políticos no executivo e legislativo. No Brasil, em particular, 9% dos cargos ministeriais são ocupados por mulheres, e cerca de 15% no congresso. Estamos abaixo dos índices para toda a América Latina.

Assim, como na política, na ciência as mulheres enfrentam muitas barreiras profissionais para ascensão na carreira. Os desafios vão desde financiamento para pesquisa, contratação, licença maternidade e espaço acolhedor, até a promoção a cargos seniores. Além disso, a representatividade de mulheres também diminui conforme a hierarquia de carreira aumenta (Grossi et al 2016). Ainda, atividades de campo e pesquisa acadêmica frequentemente acontecem em

A woman in a white lab coat is shown from the chest up, looking out towards the ocean. The background is a vast, blue sea under a clear sky. The image has a soft, slightly desaturated color palette.

um modelo de confinamento em navios, plataformas e estações, onde há relatos de assédio moral, sexual e intelectual a mulheres, especialmente quando não ocupam cargos hierárquicos de destaque (Del Favero & Andrade, 2021). No Brasil, a participação das mulheres na pesquisa científica tornou-se mais frequente, ou pelo menos melhor documentada a partir da década de 60 e 70, e desde então, vem aumentando. Contudo, dados sobre as mulheres nas ciências do mar no Brasil não estão facilmente disponíveis. Nos cursos de pós-graduação do país, 33% dos docentes na área de Oceanografia são mulheres (GEMAA, 2022).

Em 2020, foi lançado o X Plano Setorial para Recursos do Mar, no qual o tema de igualdade de gênero não foi incluído e nem mesmo há previsão de um levantamento ou base de dados sobre a questão de gênero e raça nessa área do conhecimento. A igualdade de gênero não está na ordem das prioridades do planejamento, da coordenação e da condução das atividades de diferentes grupos que possuem legítimos interesses ligados ao mar, sob a égide da Comissão Interministerial para os Recursos do Mar (Plattau et al, 2021). O último Relatório de Atividades de 2019 e o Plano

de Trabalho e Orçamento 2020 do Grupo Técnico Formação de Recursos Humanos em Ciências do Mar (PPG-Mar) também não apresentou linhas de ação voltadas ao equilíbrio de gênero no Brasil, o que evidencia que há ainda uma grande lacuna na proposição e implementação de ações integradas para um maior equilíbrio de gênero nas ciências do mar, especialmente nessas instâncias de poder e decisão que podem guiar mudanças no setor. Consequentemente, dificulta ações voltadas à implementação da Agenda 2030 e da construção de uma economia azul justa e inclusiva para o Brasil.

Nesse contexto de desigualdade de reconhecimento e oportunidades de mulheres nos assuntos relacionados ao oceano, nasce, em 2019, a Liga das Mulheres pelo Oceano. Em 2022, a Liga conta com mais de 2500 integrantes de diferentes locais do Brasil e do mundo, unidas pelo propósito de prezar pela saúde do oceano e abrir espaços para a atuação das mulheres com diversas trajetórias profissionais.

Uma das frentes de atuação da Liga é apoiar a construção e implementação da Década das Nações Unidas da Ciência Oceânica para o Desenvolvimento Sustentável 2021-2030 (Década do Oceano). A Década tem como objetivos gerais incentivar a produção de conhecimento científico, a construção de infraestruturas e o desenvolvimento de parcerias para alcançar um oceano saudável e

sustentável. Além de discutir e contribuir para a implementação de soluções coerentes com este período, a Liga busca garantir que aspectos de gênero estejam sendo considerados nas ações de planejamento e execução da Década no Brasil e no Mundo.

Para isso, a Liga criou um Grupo de Trabalho dedicado a pensar na Década do Oceano (GT-Década), que busca engajar mais mulheres, organizar e promover ações, produzir conteúdo de divulgação para o público geral, divulgar o papel das mulheres em diferentes frentes e articular com diferentes setores para engajá-los a participar da Década do Oceano. Além disso, o GT-Década busca conectar o tema com outras agendas internacionais, como a Agenda 2030, ao integrar os ODS 5 e 14 (Vida na Água) (Andrade et al., 2021).

No Brasil, a Década do Oceano ganhou espaço em sua fase preparatória, despertando interesse de pessoas e instituições em todo o país. Em 2020, foi promovida uma série de oficinas virtuais em todas as regiões do país para discutir o planejamento e propor ações relevantes para serem implementadas a curto, médio e longo prazo em cada região. Essas oficinas tiveram participação majoritária de mulheres, sendo 65% no Centro-Oeste, 61% no Nordeste, 55% no Norte, 60% no Sudeste e 58% no Sul. Além de serem maioria no planejamento, as mulheres também são maioria na implementação de ações para

a Década do no Brasil nos Grupos de Apoio à Mobilização (GAMs) regionais, sendo 65% no GAM-NO, 61% no GAM-NE, 61,5% no GAM-SE e 80% no GAM-Sul.

Esses resultados tornam o processo brasileiro uma referência para o planejamento e implementação da Década do Oceano em todo o mundo. Porém, ainda que tenhamos motivos para celebrar, existe um longo caminho a percorrer para alcançar a equi-

dade de gênero nos aspectos relacionados ao oceano, e aqui, em especial à ciência. A Liga entende que a Década do Oceano é uma excelente oportunidade para realizar um diagnóstico sistemático sobre a atuação da mulher com relação ao mar e transformar a narrativa histórica de um oceano masculino para que as futuras gerações leiam, ouçam, e conheçam as lutas, os feitos e as histórias de grandes mulheres que dedicaram sua vida ao oceano.

Referências

Andrade, M.M.; Gonçalves, L.R.; Grilli, N.M.; Dalpaz, L.; Bumbeer, J.; Feodrippe, R. 2021. Navigating troubled waters: a women´s movement ready to set sail. *ECO Magazine*, p.276-279.

Del Favero, J. M.; Andrade, M. M. (2021) A perspectiva de futuro e o potencial de transformação social e econômica a partir da ciência oceânica. *Ciência & Cultura*, 73(2), 23-28.

GEMAA. 2022. Mulheres na ciência brasileira. Publicado em 11/02/2022. Disponível em <https://gemaa.bemvindo.co/mulheres-na-ciencia-brasileira/> Acesso em 19/02/2022.

Grossi, M. G. R., Borja, S. D. B., Lopes, A. M., & Andalécio, A. M. L. (2016). As mulheres praticando ciência no Brasil. *Revista Estudos Feministas*, 24, 11-30.

Plataiu, A. F. B., Gonçalves, L. R., & Oliveira, C. C. (2021). A década da ciência oceânica como oportunidade de justiça azul no sul global. *Conjuntura Austral*, 12(59), 11-20.